

## Lavrar/Navegar - Rosto e rugas do mediterrâneo, perfil atlântico

No âmbito do *Festival Mediterrâneos: até onde chegam as oliveiras*, a Culturgest (Lisboa) convidou Ana Paula Guimarães a proferir em Maio de 2001 uma conferência que viria a intitular-se: “Lavrar e Navegar – rosto e rugas do Mediterrâneo, perfil atlântico”. Para tal, o seminário do ano lectivo 2000-01 da cadeira de Literatura Tradicional conjugou esta apresentação pública final com trabalhos de alunos consistindo na pesquisa sobre fontes de cancioneros, contos e romanceiros bem como obras etnográficas de dados relativos à presença do mar sobretudo na tradição popular portuguesa mas também na literatura consagrada contemporânea. Esta base de dados apresentada na Culturgest em Maio de 2001 na presença de alunos/ colaboradores da investigação constitui espólio presente no arquivo do Instituto de Estudos de Literatura Tradicional e visa ser desenvolvida sob orientação.

Eis um extracto dessa reflexão publicado in *FALAS DA TERRA - Natureza e Ambiente na Tradição Popular Portuguesa*, Org. Ana Paula Guimarães, João Barbosa e Luís Cancela da Fonseca. Lisboa Ed. Colibri/FCT, 2004.

“ALEXANDRA ESCUDEIRO:

... lendo e comentando o texto de Andreia Cavaleiro sobre o elemento vegetal no Cancioneiro.

(...)

Reflicto sobre este título – **Tempo, espaço natural (vegetação) e espaço humano (construção)** – que, ao associar espaço natural e vegetação, nos remete para uma paisagem revestida. Aplica-se decerto à maior parte do território português, mas as praias são também espaços naturais – não são elas cantadas?

ANA PAULA GUIMARÃES:

Tentarei responder-te sumariamente repescando elementos de uma pesquisa ainda em curso sobre *LAVRAR E NAVEGAR na tradição popular portuguesa* subintitulada *Rosto e rugas do Mediterrâneo, perfil atlântico*. Generalizando (acto perigoso!), tentei propor algumas conclusões: nestes cantos (que falam sobretudo de amor) com os quais se trabalha (e trabalha-se quer na terra, quer no mar)... há muita terra, pouco mar. Já diversos estudiosos referiram a escassez de textos sobre o mar...

“Por que motivo este povo de marinheiros e pescadores tem no seu cancionero tão poucas melodias sobre o mar?” (Armando Leça, *Música Popular Portuguesa*)

“Apesar de Portugal ser um país de navegadores, não tenho recolhido nem muitas, nem muito extraordinárias tradições do mar.” (Leite de Vasconcellos, *Tradições Populares de Portugal*)

Segundo Orlando Ribeiro em *Portugal – o Mediterrâneo e o Atlântico*, as fainas do mar são “limitadas, fragmentárias, intermitentes, em confronto com o labutar permanente dos campos”. É isso que explica esta curiosa ausência? Mesmo no *Cancioneiro Popular dos Açores* de Cortes Rodrigues, o mar é quase um grande ausente.

De facto, quando, na tradição popular portuguesa, o mar é cantado, ele é sobretudo um mar onde se pesca para a sobrevivência. Mesmo que os textos falem do mar, da pesca, dos pescadores e sobretudo do peixe (veja-se o que, nestas *Falas*, escreve Andreia Cavaleiro sobre o peixe no Cancioneiro), isso não significa que façam necessariamente parte do repertório das gentes do mar. José Alberto Sardinha crê que pertencem ao “repertório das gentes da terra, dos camponeses, e alguns do interior, bem longe do mar.”

Ora, o mar não só é pouco cantado como pouco visitado: “Eu um dia fui ao mar” canta-se na serra algarvia. Anote-se que em 2001 crianças de 12-14 anos da região de Murça (a 150 km do litoral) nunca tinham visto o mar: “O mar é salgado por causa dos bacalhaus”, dizem...

Poderíamos continuar a especular: se a lírica pouco fala do mar, será porque os próprios pescadores não cantam? Existem alguns (raros) registos do “único canto funcional conhecido da faina do mar”, o *Leva-leva* recolhido por Michel Giacometti e também por José Alberto Sardinha em *Tradições Populares da Estremadura*. Aliás, em Peniche, José Alberto Sardinha registou junto de alguns pescadores outro tipo de música, não propriamente de trabalho mas de simples entretenimento:

“enquanto a traineira se faz ao largo, espera que o peixe venha à rede, ou regressa a terra já carregada com a safra, um pescador, para deleite seu e dos outros camaradas que o escutam, toca na harmónica de boca, vulgo «gaitinha», um fado, um fandango, um corridinho e, outras vezes, ouve-se um deles cantar um dos fados mais divulgados pela rádio. Em qualquer dos casos, estamos perante repertório usado no mar mas não exclusivo ou próprio, em termos de funcionalidade, dos trabalhos do mar (tal como definimos acima os cantos de trabalho), nem sequer

música oriunda doutras funções e adaptada às tarefas marítimas, antes simples música de passatempo.”

Segundo testemunho de pescadores de Sesimbra cantam-se fados, «Olhá mala»... mas só na pesca da traineira.

E se cantarem..., os pescadores não contam aquilo que cantam? Santos Graça em *O Poveiro* fala da dificuldade em aceder ao mundo dos pescadores (gente forte, rude) pela parte dos *peixes de coiro*, gente que os “acossa” e que eles evitam... Serão de facto gente que não comunica (Marcelo de Vasconcellos)? Orlando Ribeiro fala da “comunidade fechada” dos pescadores.

Fica por te responder: e a aventura atlântica?

Avanço um pouco. Contra as partidas da História que nos foi e continua a ser contada... na lírica popular portuguesa não há praticamente mar atlântico, viagem à descoberta, afinal, também outra espécie de sobrevivência, uma opção estratégica para a sobrevivência nacional a partir do século XV e XVI). Dito de outro modo: a lírica popular chega ao século XIX e XX quase sem incorporar a epopeia marítima/ atlântica.

Uma excepção num lenço de namorados:

Meu Manel bai pró Brazil  
Eu tamem bou no bapor  
Gardado no coração  
Daquele qué meu amor.

E outra do Douro Litoral:

Já me levam para a Índia  
Preso que nem um ladrão  
Por dar beijos e abraços  
Que na Índia também se dão.

E no folclore madeirense:

Minha papoila da Índia,  
Rica flor qu'ela me deu!  
Oh, quem me dera apilhar  
O teu rosto ao pé do meu!

Ó ondas do mar, levai-me  
Capitão, faz-me favor,  
Deitai-me no cais d'América,  
Onde tenho o meu amor.

Um dos únicos textos convocando naus, mastros, marinheiros é curiosamente um texto do Romanceiro e não do Cancioneiro (logo: mais épico do que lírico). Trata-se do conhecido romance Nau Catrineta recorrente nos manuais escolares (desde Estado Novo e da sua política de promoção da expansão nacional). Ora este é, ironicamente, um romance de uma navegação falhada ou em riscos de falhar, num cenário de fome, prestes a um momento de canibalização da comunidade:

Lá vai a Nau Catrineta, já não pode navegar  
Já de beber não havia, nem havia que manjar

Veja-se também, no Romanceiro de Pedro Ferré, o caso do romance “Regresso do Navegante” em que, na volta do mar, o sobrinho interpela a tia e fica confrontado com a morte, a ausência definitiva rimando com a distância vivida:

Qu' é de mê pai e minha mãe qu'ê os quero abraçar?  
Tê pai é morto, sobrinho, tua mãe foi a enterrar.  
Qu' é da minha armada, tia, qu'eu aqui deixei ficar?  
A tua armada, sobrinho, foi pr'á fronteira do mar.

Acrescente-se ainda que o romanceiro é “um dos mais viajados géneros de transmissão exclusivamente oral”. Existem temas ou versões diferentes dos mesmos romances no Brasil e em Goa. Mas as próprias quadras também viajaram, conforme prova Luísa Freire em *O Feitiço da*

*Quadra*, propondo a Rota da Quadra paralela à Rota da Seda. Só que esse transaccionar de textos parece ter acontecido sem que eles incorporassem a viagem...

Porquê esta omissão, este desinteresse, este ignorar da experiência atlântica, da “indagação dos mares” (expressão de Maria Alzira Seixo)?

Especulemos ainda mais: porque interessa a esta lírica (de fundo medieval mas transmitida oralmente incorporando novos motivos até ao presente) não tanto a partida, a aventura mas sobretudo a proximidade, o amor (a vida, a memória)? De facto, a viagem, a distância só suscitam o esquecimento, o adultério, a morte...

Parece ser assim: a lírica (de que são exemplos estes cantos funcionais) não adere à aventura marítima. Porque quem viaja não canta e quem canta não viaja? Porque cantam (tanto!) aqueles que conquistam a pulso a terra, segundo Orlando Ribeiro, “um espaço de *criação*”? Porque assim melhor respiram aliviando o rigor, o calor, as penas do amor – tudo rimando com dor?

Ao invés do Atlântico, o Mediterrâneo surge como lugar onde a terra a pulso se conquista, um espaço *de criação*, de “economia sóbria” onde qualquer dos “engenhos e utensílios pode ser construído e consertado na aldeia, sem o recurso de técnicos especializados e distantes”, onde “o rústico comanda assim todos os elementos do seu primitivo viver”. O Mediterrâneo – “espaço climático e cultural, experiência humana mais do que geográfica” (Luís Baptista), espaço que pressupõe identidades (no plural) com uma matriz comum mais cheio de diversidades – surge, aliás, como uma “questão abafada”, um lugar onde fazemos pouca vista. Damos pouco *nas vistas*?

Porque abafamos este património textual a que chamamos popular, tradicional, (se não mesmo marginal-izado), parente pobre da literatura consagrada, culta, erudita? Porque este património tem mais a ver com um ROSTO ENRUGADO do que com um PERFIL ATLÂNTICO? Porque recalamos este rosto mediterrâneo? Porque este discurso é o dos que ficam e não dos que partem? Esta é a fala daqueles que sofrem a ausência do amado (ficaram *a ver navios*?), dos que não largaram o calhau plantado à beira-mar e não ousaram avistar (*para dar nas vistas*?). Ou será que o Atlântico está para a *alma* (a relação com *o outro lado*, o divino, o exótico, o distante e menos acessível) como o Mediterrâneo para o *corpo* (aquele que gera, faz *nascer, natureza*)?

Atlântico, “sílabas da alma” (Manuel Alegre).

“Vasta praia/ atlântica e sagrada/ onde para sempre minha alma foi criada”, (Sophia de Mello Breyner, *O Búzio de Cós*).

“O mar é dos portugueses” (Luciana Stegnano Picchio)

A mitificação da nossa relação com o mar parece ser feita pelos poetas e pelos *de fora*, que nos olham, os estrangeiros, que nos cultuam... e nós vamos nessa conversa – a bela conversa dos poetas e dos outros que nós não somos.

Respondi-te? Falas-me de praias e eu espraio-me...”